

## ALIMENTAÇÃO GLOBALIZADA: A UNIFORMIZAÇÃO DOS HÁBITOS NUTRICIONAIS

GLOBALIZED NUTRITION: THE STANDARDIZATION OF EATING HABITS

NUTRICIÓN GLOBALIZADA: LA ESTANDARIZACIÓN DE LOS HÁBITOS ALIMENTARIOS

Icaro Gleison Batista da Silva<sup>1</sup>  
Nelcione José de Souza Araújo<sup>2</sup>

**RESUMO:** A alimentação é influenciada pela localidade e pelo contexto social. Este artigo buscou explorar medidas permanentes no ambiente escolar que possam promover a saúde e aumentar a conscientização sobre a importância de uma alimentação mais saudável. A metodologia empregada combina abordagens qualitativas e quantitativas. No campo qualitativo, serão realizadas observações em campo e revisões de literatura relacionadas ao tema de estudo. Em áreas urbanas, a disponibilidade de alimentos frescos versus a presença de estabelecimentos que vendem comida processada influencia significativamente os hábitos alimentares das populações locais. Estudos realizados em escolas situadas em diferentes contextos socioeconômicos mostram que esses ambientes podem perpetuar hábitos alimentares inadequados, especialmente onde o acesso a alimentos saudáveis é limitado. Isso resulta em um ciclo contínuo de escolhas alimentares pobres, afetando negativamente a saúde das comunidades. A análise dos chamados espaços obesogênicos evidencia que tanto o ambiente físico quanto o social têm um papel crucial na formação dos hábitos alimentares, refletindo e perpetuando desigualdades estruturais. Portanto, é essencial entender essas influências para desenvolver estratégias eficazes que promovam uma alimentação saudável e reduzam as disparidades de saúde nos diferentes contextos sociais e econômicos.

2461

**Palavras-chave:** Alimentação. Hábitos. Saúde.

**ABSTRACT:** Food is influenced by locality and social context. This article sought to explore permanent measures in the school environment that can promote health and increase awareness of the importance of healthier eating. The methodology used combines qualitative and quantitative approaches. In the qualitative field, field observations and literature reviews related to the study topic will be made. In urban areas, the availability of fresh food versus the presence of establishments selling processed foods significantly influences the eating habits of local populations. Studies carried out in schools located in different socioeconomic contexts show that these environments can perpetuate poor eating habits, especially where access to healthy foods is limited. This results in a continuous cycle of poor food choices, affecting the health of communities. An analysis of obesogenic spaces shows that both the physical and social environments play a crucial role in shaping eating habits, reflecting and perpetuating structural inequalities. Therefore, it is essential to understand these influences to develop strategies that promote healthy eating and reduce health disparities in different social and economic contexts.

**Keywords:** Food. Habits. Health.

<sup>1</sup>Graduado em Geografia, UFAM – PPGEQG.

<sup>2</sup>Doutorado em Geografia, UFAM – PPGEQG.

**RESUMEN:** La comida está influenciada por la localidad y el contexto social. Este artículo buscó explorar medidas permanentes en el ambiente escolar que puedan promover la salud y aumentar la conciencia sobre la importancia de una alimentación más saludable. La metodología utilizada combina enfoques cualitativos y cuantitativos. En el ámbito cualitativo se realizarán observaciones de campo y revisiones de literatura relacionadas con el tema de estudio. En las zonas urbanas, la disponibilidad de alimentos frescos versus la presencia de establecimientos que venden alimentos procesados influye significativamente en los hábitos alimentarios de las poblaciones locales. Estudios realizados en escuelas ubicadas en diferentes contextos socioeconómicos muestran que estos entornos pueden perpetuar hábitos alimentarios inadecuados, especialmente donde el acceso a alimentos saludables es limitado. Esto da como resultado un ciclo continuo de malas elecciones alimentarias, que afectan negativamente la salud de las comunidades. El análisis de los llamados espacios obesogénicos muestra que tanto el entorno físico como el social juegan un papel crucial en la formación de hábitos alimentarios, reflejando y perpetuando desigualdades estructurales. Por lo tanto, es esencial comprender estas influencias para desarrollar estrategias efectivas que promuevan una alimentación saludable y reduzcan las disparidades de salud en diferentes contextos sociales y económicos.

**Palabras clave:** Alimento. Hábitos. Salud.

## INTRODUÇÃO

Os hábitos alimentares refletem a história e a formação de um determinado espaço, como um território, região ou lugar, estando intrinsecamente ligados a diversos fatores que moldam esse ambiente. Nas cidades industriais brasileiras, os hábitos alimentares das populações urbanas são influenciados por um sistema hegemônico da indústria alimentícia, que transforma e direciona a maneira como essas populações se alimentam, tanto local quanto globalmente.

Um exemplo claro disso é a cidade de Manaus, que a partir dos anos 1970, vivenciou um crescimento demográfico significativo devido à instalação da Zona Franca. O espaço urbano da cidade foi moldado ao longo do tempo para facilitar o escoamento dos produtos industrializados, produzidos nas fábricas locais. A força do capital moldou o espaço urbano de acordo com suas necessidades, criando centros, subcentros, zonas periféricas e centrais. No entanto, os agentes transformadores da globalização, impulsionados pelo capital, não alteraram apenas o espaço físico da cidade, mas também impactaram os hábitos culturais, especialmente os alimentares.

Góes (2010) define essa nova maneira de se alimentar, que emergiu com a globalização pós-Segunda Guerra, como "Globalização Alimentar", onde as populações urbanas e industriais se tornam o destino de uma cadeia alimentar sustentada por produtos industrializados (enlatados, congelados, conservas, fast foods, entre outros). Essa cadeia se materializa no espaço urbano através da produção e distribuição desses produtos, transportados em caminhões,

carretas e veículos de diversos portes, que os levam rapidamente aos grandes e pequenos comércios, e, conseqüentemente, à mesa dos consumidores. As indústrias alimentícias criam seus mercados consumidores, legitimam transformações e são responsáveis pela organização, produção e reprodução dessas cadeias alimentares no espaço urbano, substituindo gradualmente os hábitos locais por práticas globais, criando um cenário complexo e relevante para os estudos geográficos.

Nas pequenas cidades do interior da Amazônia, esse cenário adquire uma complexidade maior. Segundo Schor et al. (2015); o consumo de alimentos industrializados nessas localidades está diretamente relacionado ao aumento do comércio e transporte desses produtos em lanchas, barcos e voadeiras, criando fluxos de deslocamento fluvial que são característicos da região. Para Oliveira (2006); os rios substituem as ruas no cotidiano dos moradores dessas cidades, conferindo à região uma dinâmica particular.

Diferente das grandes cidades, onde os hábitos alimentares são mais visivelmente alterados pela globalização, nas pequenas cidades amazônicas, essas mudanças são mais sutis. A disponibilidade de alimentos industrializados é menor, já que a oferta desses produtos não segue a mesma temporalidade da cadeia industrial presente nas grandes metrópoles. Isso faz com que os hábitos alimentares tradicionais sejam mais resistentes às influências externas.

No cenário amazônico, portanto, coexistem dois contextos distintos que moldam os hábitos alimentares da população. O primeiro é visto nas grandes cidades como Manaus e Belém, onde os hábitos são fortemente influenciados pela indústria alimentícia, que promove a substituição de alimentos regionais por industrializados. O segundo contexto é encontrado nas pequenas cidades do interior, onde o consumo de produtos industrializados é limitado pelos fluxos de transporte fluvial, permitindo uma preservação maior dos hábitos alimentares tradicionais.

A cidade de Óbidos exemplifica essa dualidade, inserida tanto nos fluxos de mercadorias provenientes das grandes cidades amazônicas quanto nos hábitos locais. Produtos alimentícios, tanto industriais quanto tradicionais, chegam à cidade por meio de barcos e lanchas, abastecidos em Manaus, Belém e Santarém, ou por estradas que ligam as principais cidades da região. Essas duas cadeias de transporte criam um cenário em que os novos hábitos alimentares se misturam com os tradicionais, formando um quadro complexo e interessante para o estudo dos hábitos alimentares em Óbidos.

Apesar da menor presença de alimentos industrializados em Óbidos, comparado às grandes cidades, a influência desses produtos é inegável. Ao caminhar pelas ruas da cidade, é comum encontrar lojas e estabelecimentos que vendem produtos industrializados como enlatados, refrigerantes e salgadinhos. A presença da indústria alimentícia é uma realidade que afeta diretamente a forma como os moradores se alimentam, demonstrando que, mesmo em contextos mais isolados, os impactos da globalização alimentar são perceptíveis. O objetivo explorar medidas permanentes no ambiente escolar que possam promover a saúde e aumentar a conscientização sobre a importância de uma alimentação mais saudável.

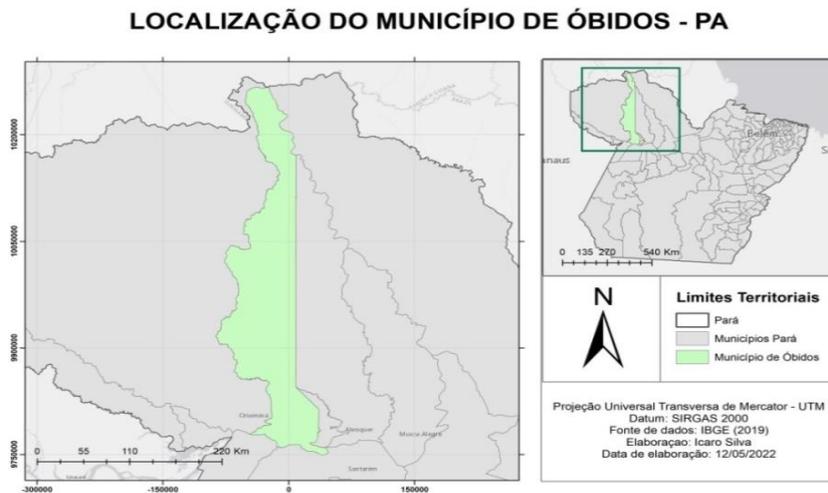
## MÉTODOS

Serão adotadas abordagens metodológicas de natureza qualitativa e quantitativa. No âmbito qualitativo, serão realizadas observações em campo e revisões de literatura pertinentes ao objeto de estudo. A abordagem quantitativa incluirá a aplicação de questionários direcionados aos alunos e funcionários das escolas. Já no âmbito qualitativo. Quantitativo: foi usado questionários com os alunos e funcionários das escolas, com as seguintes perguntas: Você consome: Peixe? Enlatado? Refrigerante em casa? Farinha em casa? Verduras em casa? Lanches como Salgados, militos, refrigerantes e sanduíches) em casa? Comida da cantina escolar? Salgados, militos, refrigerantes e sanduíches) na escola? Se pudesse escolher apenas um dos dois? Qual você escolheria? Cantina ou Comida vendida dentro da escola?

2464

O município de Óbidos, localizado a noroeste do estado do Pará, às margens do Rio Amazonas, é um exemplo emblemático das transformações socioespaciais que afetam as pequenas cidades da Amazônia. Com uma população estimada em aproximadamente 48.333 habitantes, distribuídos entre as zonas rural e urbana, Óbidos possui uma vasta área territorial de cerca de 28.021,434 km<sup>2</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019). Esta cidade, marcada por uma baixa densidade demográfica e pela influência significativa de rios em sua organização espacial, apresenta uma configuração urbana e social única, que reflete os complexos processos históricos e econômicos da região amazônica (Figura 1)

**Figura 1.** Mapa de localização do Município de Óbidos no estado do Pará



**Fonte:** IBGE (2019). Elaboração: Silva IGB (2022).

A população estudada foi educandos da Escola Municipal Raymundo Chaves, situada no bairro Cidade Nova na Zona Leste de Óbidos, conta com 332 alunos matriculados em 2023 e oferece apenas ensino fundamental do 6º ao 9º ano (ver Figura 2). Localizada em uma área periférica, a escola enfrenta desafios consideráveis em termos de infraestrutura em comparação com outras instituições da cidade. As salas de aula, por exemplo, não dispõem de ar-condicionado e possuem apenas dois ventiladores por ambiente, mantendo-se "arejadas" principalmente pela abertura das janelas.

**Figura 2.** Mapa de localização da Escola Municipal Raymundo Chaves, Óbidos (PA)



**Fonte:** IBGE (2019; 2021). Elaboração: Barbosa e Silva IGB (2022).

Na escolha das escolas, a localização foi um critério importante. A Escola Raymundo Chaves está localizada em um bairro periférico, caracterizado por um perfil socioeconômico mais baixo e alta densidade populacional, o que contribui para a concentração de alunos na escola. Por outro lado, a Escola São José está situada em um bairro mais central, também com alta densidade populacional, atraindo alunos que residem nas proximidades.

A Escola Estadual São José, situada no bairro Santa Teresinha, na Zona Oeste da cidade de Óbidos, abriga 438 alunos matriculados em 2023 e atende estudantes do ensino médio do 1º ao 3º ano (Figura 3).

**Figura 3.** Mapa de localização da Escola Estadual São José, Óbidos (PA)



**Fonte:** Silva IGB (2022). (2023).

Dessa forma, ambas as escolas representam uma amostra populacional que reflete não apenas o ambiente interno da escola, mas também os bairros e áreas circunvizinhas onde estão inseridas.

## RESULTADOS

Os hábitos alimentares refletem a história e a formação de um espaço específico, seja ele um território, uma região ou um lugar, e estão intimamente ligados a diversos fatores que moldam esse espaço. Nas cidades industriais do Brasil, os hábitos alimentares das populações urbanas são influenciados por um sistema hegemônico da indústria de alimentos, que altera a forma de alimentação dessas populações tanto localmente quanto globalmente.

Um exemplo disso é Manaus, que experimentou um crescimento demográfico significativo a partir da década de 1970 devido à criação da Zona Franca de Manaus. Esse crescimento resultou na reconfiguração do espaço urbano para atender às necessidades de escoamento dos produtos das indústrias locais. O capital influenciou e moldou o espaço de acordo com suas demandas de produção e reprodução, dividindo a cidade em diferentes zonas, como centros, subcentros, áreas periféricas e centrais. Além da transformação urbana, a globalização, impulsionada pelo capital, também impactou os hábitos culturais, especialmente no que se refere ao consumo de alimentos.

Góes (2010) descreve essa nova forma de alimentação, que surgiu no contexto da globalização após a Segunda Guerra Mundial, como "Globalização Alimentar". Nessa perspectiva, as populações urbanas-industriais tornam-se o destino final de uma "cadeia alimentícia" legitimada pelos produtos das indústrias de alimentos artificiais, como enlatados, congelados, conservas e fast foods. Essa cadeia é materializada pela produção e distribuição desses produtos por meio de caminhões e outros veículos nas rodovias e ruas das cidades, chegando rapidamente aos comércios locais e, por consequência, às mesas dos moradores. As indústrias de alimentos criam seu próprio mercado consumidor, promovendo mudanças e sendo responsáveis pela organização e manutenção dessas cadeias alimentares nos espaços urbanos, substituindo hábitos alimentares locais por práticas globais, o que oferece um campo de estudo significativo para a geografia.

2467

Nas pequenas cidades do interior da Amazônia, a situação é mais complexa. Schor et al (2015) indicam que o consumo de alimentos industrializados nessas áreas está relacionado ao aumento do comércio e ao transporte desses produtos por lanchas, barcos e voadeiras, criando fluxos fluviais típicos da região. Oliveira (2006) aponta que, para os moradores dessas cidades, os rios substituem as ruas, o que confere um caráter único ao modo de vida local.

Contrariamente ao cenário urbano-industrial, a mudança nos hábitos alimentares das populações das cidades do interior da Amazônia ocorre de maneira mais sutil e menos visível. A disponibilidade de alimentos artificiais é menor porque a oferta não segue a mesma cadeia industrial de produção, transporte e consumo presente nas grandes cidades. Isso faz com que os hábitos alimentares tradicionais dessas localidades sejam mais preservados e menos suscetíveis às influências das cadeias industriais das metrópoles.

Assim, dentro da Amazônia, coexistem dois cenários distintos que influenciam os hábitos alimentares da população. O primeiro é o das metrópoles e grandes cidades, como

Manaus e Belém, onde os hábitos alimentares são moldados pela indústria alimentícia, substituindo alimentos regionais por produtos industrializados. O segundo é o das pequenas cidades amazônicas, onde a oferta e o consumo desses produtos dependem dos fluxos de transporte e comércio fluvial, resultando em uma transformação mais lenta e menos aparente dos hábitos alimentares, que permanecem mais tradicionais.

A cidade de Óbidos exemplifica a interseção desses dois cenários. A cidade é influenciada por diversos agentes e processos locais, regionais e globais. Produtos alimentícios industriais e não industriais chegam a Óbidos regularmente, seja por meio dos barcos e lanchas que transportam mercadorias das grandes cidades como Manaus, Belém e Santarém pelo Rio Amazonas, ou pelas estradas que atravessam o estado, criando uma rede de transporte e comércio de alimentos no território de Óbidos.

Portanto, em Óbidos, coexistem dois sistemas de transporte de mercadorias alimentícias, resultando em um cenário dialético em que novos e antigos hábitos alimentares se misturam de forma indissociável. O local e o global, o saudável e o não saudável, criam um contexto rico e profundo para o estudo de como os hábitos alimentares são moldados na população urbana da cidade.

Mesmo com a menor presença de alimentos industrializados em Óbidos, como mencionado, esses produtos ainda fazem parte do cotidiano da cidade. É comum encontrar lojas e estabelecimentos que vendem produtos industrializados, como enlatados, refrigerantes, bolachas recheadas e salgadinhos fritos. A indústria alimentícia está presente na vida dos moradores e influencia diretamente seus hábitos alimentares.

A obesidade é frequentemente associada exclusivamente a fatores biológicos e genéticos, sugerindo que o indivíduo tem uma predisposição maior para desenvolver a doença ao longo da vida devido a fatores que parecem estar fora de seu controle. Na literatura, embora existam várias teorias sobre as causas da obesidade, é evidente que a maioria das definições está vinculada a fatores como má alimentação e o acúmulo excessivo de gordura corporal.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a obesidade é definida como uma condição caracterizada por uma acumulação anormal ou excessiva de gordura no tecido adiposo a um nível que pode prejudicar a saúde (Góes et al., 1997). Ferreira e Wanderley (2010) também definem a obesidade como uma doença marcada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, resultando em efeitos nocivos à saúde.

No entanto, é importante reconhecer que a obesidade é uma condição complexa e multifatorial. Góes (2010) observa que a etiologia da obesidade é multifacetada: além do desequilíbrio energético, erros no metabolismo de glicídios e lipídios, fatores genéticos e processos psicológicos podem contribuir para o desenvolvimento da doença. Isso destaca que a obesidade é causada por uma combinação de fatores e é reconhecida como um problema de saúde e nutrição significativo na maioria dos países industrializados. Nos dias de hoje, a obesidade é considerada a desordem nutricional mais relevante tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, devido ao aumento de sua incidência (Ferreira e Wanderley, 2010).

Um dos fatores que merece destaque é o ambiente em que o indivíduo vive, que frequentemente influencia diretamente seus hábitos alimentares. Esses ambientes são conhecidos como "espaços obesogênicos". De acordo com o Ministério da Saúde (2022), espaços obesogênicos são "[...] aqueles promotores ou facilitadores de escolhas alimentares não saudáveis e de comportamentos sedentários, os quais dificultam a adoção e manutenção de hábitos alimentares saudáveis e a prática regular de atividade física. Isso significa dizer que aspectos no contexto em que o indivíduo está inserido, como o acesso a alimentos saudáveis, assim como a sua disponibilidade e até mesmo estruturas físicas, podem interferir nas escolhas individuais e familiares na hora de se alimentar, por exemplo."

2469

Portanto, o ambiente desempenha um papel crucial na formação dos hábitos alimentares. É nele que as pessoas vivem experiências individuais e coletivas, fazem escolhas e tomam decisões que afetam diretamente sua saúde e bem-estar. Segundo Dantas e Silva (2018), o ambiente obesogênico é caracterizado pela presença de oportunidades e condições que favorecem o desenvolvimento da obesidade. Do ponto de vista alimentar, pode ser visto como um espaço onde crenças e comportamentos estão ligados à disponibilidade de alimentos processados, energeticamente densos e pobres em nutrientes, ao mesmo tempo em que há uma falta de alimentos ricos em fibras, vitaminas e minerais.

Ainda segundo as autoras, esse ambiente é vivenciado de maneiras diferentes e em várias escalas. Elas dividem esse espaço em macroambiente e microambiente. O macroambiente está relacionado às influências de estruturas de grande escala, como sistemas financeiros, educacionais, de saúde, governos e a indústria alimentícia, sobre os hábitos alimentares. O microambiente, por sua vez, refere-se a essas mesmas estruturas em uma escala menor, como bairros, família, locais de trabalho e escolas.

Para conectar isso com a geografia, podemos fazer um paralelo conceitual com o "espaço geográfico". É nesse espaço que todas as relações físicas e sociais se inter-relacionam e modificam o ambiente como um todo (Santos, 2004). Nesse contexto, ao falarmos de microambientes, estamos nos referindo a "microespaços", relacionando todas as experiências e vivências das pessoas com o meio onde estão inseridas, o espaço geográfico.

Assim, esses microambientes ou microespaços impõem-se sobre os indivíduos, influenciando suas escolhas e experiências. Se o espaço onde uma pessoa vive tem uma maior concentração de estabelecimentos de fast food, por exemplo, essa pessoa pode acabar consumindo mais desse tipo de alimento. Portanto, o espaço se torna obesogênico por oferecer uma maior disponibilidade de alimentos processados, ricos em gorduras trans, sódio e açúcares, e uma menor disponibilidade de alimentos ricos em fibras, carboidratos, vitaminas e proteínas.

Um exemplo disso é a pesquisa que realizamos intitulada "Dize-me o que comes e direi quem és - hábitos alimentares dos alunos da Escola Estadual Ernesto Penafort - Zona Leste de Manaus" (2018). Nessa pesquisa, constatamos que a configuração espacial da escola e seu entorno influenciava significativamente o consumo de fast foods pelos alunos, devido ao grande número de estabelecimentos desse tipo próximos à escola.

2470

Portanto, o consumo de alimentos não saudáveis (como fast foods e produtos industrializados) no espaço em que os indivíduos vivem pode levar a condições de obesidade. No entanto, afirmar que o espaço geográfico influencia diretamente a alimentação pode parecer determinista, sugerindo que as pessoas estão fadadas a consumir alimentos não saudáveis apenas pela disponibilidade desses alimentos. É importante destacar que a configuração espacial é apenas um dos muitos fatores que moldam os hábitos alimentares das pessoas, um aspecto a ser considerado ao discutir o comportamento alimentar, especialmente no contexto escolar.

## DISCUSSÃO

### OS ESPAÇOS OBESOGÊNICOS

Josué de Castro, em sua obra "Geografia da Fome" (1984), realizou um estudo pioneiro na geografia brasileira ao abordar os fatores que influenciam a problemática da fome no Brasil. Para Castro, a fome no país não é apenas uma questão biológica ou genético-hereditária, mas está profundamente enraizada em questões políticas e econômicas, resultantes da má

distribuição de renda e dos recursos pelo Estado brasileiro. Ele argumenta que, em um país subdesenvolvido como o Brasil, os processos de colonização e dependência econômica estão intrinsecamente ligados à geração de pobreza e miséria. Dessa forma, Castro sugere que o subdesenvolvimento e a fome são duas faces de um mesmo problema, ou seja, são essencialmente a mesma coisa.

É fundamental considerar o contexto histórico em que Castro escreveu sua obra. Na época, os temas que ele abordou eram considerados tabus no meio acadêmico. Antes de seu trabalho, a questão da fome no Brasil era vista como um problema biológico de pequena escala, e não como um problema de natureza política e econômica. Com o avanço dos debates iniciados por Castro, o estudo da alimentação e dos hábitos alimentares da população brasileira, bem como os fatores determinantes para esses hábitos, ganhou destaque nos campos acadêmico e político. Com isso, compreender esses fatores tornou-se essencial para a formulação de propostas que pudessem ajudar nas diversas intervenções do Estado brasileiro na luta contra a fome.

Segundo Estima, Philippi e Alvarenga (2009), os determinantes alimentares de uma população ou indivíduo são variados e complexos, abrangendo desde escolhas pessoais e psicológicas até influências sociais e culturais impostas pelo ambiente em larga escala. Eles afirmam:

2471

Esses mesmos autores também dizem que o consumo alimentar é determinado pelas escolhas alimentares dos indivíduos e constitui um processo complexo, que envolve fatores socioculturais e psicológicos. A escolha alimentar está relacionada aos fatores do meio ambiente, história individual e personalidade, que são refletidos em valores pessoais. O processo de escolha alimentar incorpora não só decisões baseadas em reflexões conscientes, mas também em automáticas, habituais e subconscientes

Dessa forma, o ato de se alimentar vai além de simplesmente saciar a fome. Envolve um processo complexo onde as influências de sistemas pessoais e impessoais desempenham um papel importante nas escolhas alimentares. Esses sistemas incluem a trajetória de vida, experiências passadas, influências religiosas e culturais, crenças e símbolos, preferências de gosto, entre outros fatores.

Fica evidente que, ao analisar os hábitos alimentares de uma população, encontramos diversos fatores que influenciam e determinam essas práticas. Portanto, é necessário muitas vezes delimitar os fatores principais para uma melhor sistematização da pesquisa. Neste

contexto, utilizamos o trabalho de Valente (1986), que propõe uma discussão a partir da ótica dos direitos humanos sobre a questão da fome e da desnutrição no Brasil. Valente identifica alguns fatores chave que orientam os hábitos alimentares da população:

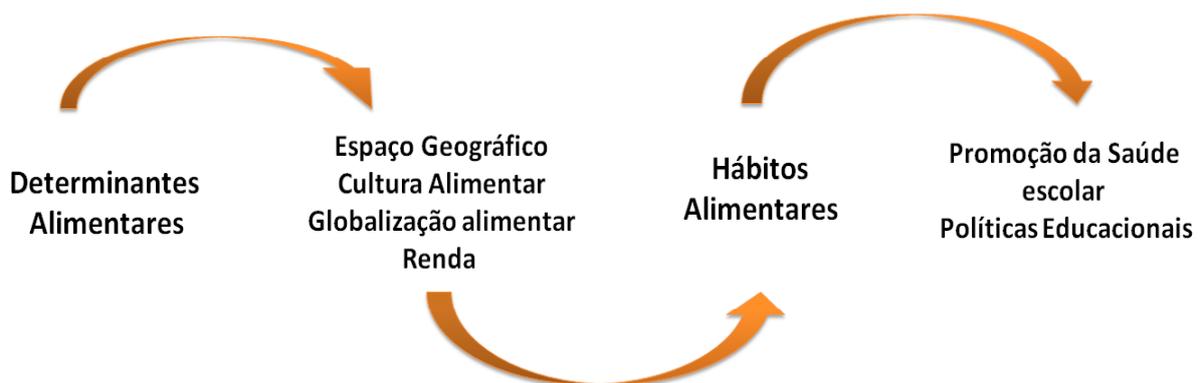
1. Condições Físicas Específicas: Fatores como chuva, solo, clima e relevo influenciam a disponibilidade de certos alimentos essenciais em determinadas regiões.

2. Influências Culturais Históricas: Heranças culturais derivadas do processo de colonização ou povoamento de diferentes regiões.

3. Classe Social e Econômica: A condição socioeconômica determina o modo de vida e limita as práticas e hábitos alimentares das pessoas.

4. Cultura Globalizada dos Hábitos Alimentares: Resultante do comércio e do consumo de produtos industrializados dentro da lógica capitalista.

**Figura 4.** Fluxograma e lógico da ideia proposta nesta pesquisa



**Fonte:** Elaborado por Silva IGB (2023)

Para esta pesquisa, quatro fatores principais foram considerados para entender a formação dos hábitos alimentares dos alunos: o espaço geográfico, a cultura alimentar, a globalização alimentar e a renda. Delimitar esses determinantes é crucial para a metodologia da pesquisa, pois ajuda a estabelecer um parâmetro geral dos hábitos alimentares dos alunos e a desenvolver propostas de intervenção para os problemas identificados. Assim, seguimos a seguinte ordem metodológica:

1. Identificação dos Determinantes Alimentares: Definir os fatores que influenciam os hábitos alimentares dos alunos.

2. Compreensão dos Hábitos Alimentares: Analisar como esses hábitos são moldados pelos determinantes previamente identificados.

3. Propostas de Intervenção Educacional: Desenvolver políticas educacionais que promovam uma alimentação saudável e visem à melhoria da saúde escolar.

Essa abordagem permite uma compreensão mais ampla dos fatores que afetam os hábitos alimentares e orienta a elaboração de políticas públicas para abordar a questão de maneira mais eficaz.

### O Espaço Geográfico como Determinante Alimentar

A mudança nos comportamentos alimentares é um processo complexo que envolve transformações nas representações da comida e do entorno. Mais do que se basear em informações objetivas, essas mudanças estão ancoradas em alterações nas crenças, as quais são influenciadas pelo ambiente comunitário. É por meio de novas construções simbólicas e objetivas da alimentação, dentro de um novo espaço de relações, que as crenças podem evoluir, criando uma forma de pertencimento social que pode alterar comportamentos alimentares individuais (Amon, Denise, 2014).

A organização espacial de um local desempenha um papel crucial na formação dos hábitos alimentares de sua população. Desde a disponibilidade de alimentos até a infraestrutura urbana, diversos fatores influenciam as escolhas alimentares das pessoas, afetando sua saúde e bem-estar. A proximidade de mercados, feiras e supermercados é essencial; em áreas onde essas opções são limitadas ou distantes, o acesso a alimentos frescos e saudáveis é reduzido, o que pode levar as pessoas a optarem por alternativas menos nutritivas e mais processadas.

Além da disponibilidade física de alimentos, a estrutura urbana também influencia os hábitos alimentares. Bairros onde predominam estabelecimentos de fast food e restaurantes de comida rápida tendem a incentivar dietas baseadas em alimentos calóricos e com baixo valor nutricional. Em contraste, áreas que oferecem mais mercados de produtos frescos e feiras orgânicas promovem uma alimentação mais saudável e equilibrada.

No estudo das duas escolas, a localização e a configuração espacial ao redor delas são fatores determinantes na formação dos hábitos alimentares dos alunos. A alimentação é um ato que vai além do aspecto fisiológico; é também uma forma de integração social e, portanto, é fortemente influenciada pelas experiências e exemplos do ambiente de convivência das crianças (Accioly, 2009).

Na Escola Raymundo Chaves, localizada em uma área periférica da cidade, o consumo de alimentos pelos alunos é condicionado pelos produtos disponíveis na cantina escolar e pelos

estabelecimentos que vendem comida dentro e fora da escola. Devido à sua localização em uma área menos favorecida, alguns alunos frequentam a escola principalmente para se alimentar. A funcionária da cantina relatou:

Acontece muito, meu filho, às vezes eles chegam aqui perguntando: 'Tia, qual é a merenda de hoje?' Comem sempre tudo, nenhum tem frescura, o que tiver na merenda eles comem, chega a fazer fila aí" (Entrevistada A).

Além da cantina principal, existe uma cantina secundária onde são vendidos salgados, refrigerantes, doces e alimentos industrializados, o que atrai alguns alunos que preferem essas opções. A prática da venda de alimentos dentro da escola não é ilegal, pois não há legislação municipal que a proíba. Assim, essa prática torna-se uma forma de renda adicional para os funcionários da escola.

**Figura 5** . Aluno comprando lanche na cantina paralela da escola



**Fonte:** Silva IGB (2023)

No entanto, a observação durante o estudo revelou que, apesar de o cardápio da escola ser elaborado por nutricionistas e incluir alimentos variados e nutritivos, na prática, a oferta é limitada a um conjunto restrito de alimentos, como carne vermelha, arroz, farinha de mandioca, entre outros. Essa repetição de cardápio gera insatisfação entre os alunos, que muitas vezes reclamam da falta de variedade (Figura 6):

**Figura 6.** Depósito de alimentos da escola



**Fonte:** Autor (2023).

Em contraste, na Escola Estadual São José, localizada em uma área mais central e com maior poder aquisitivo, o consumo de alimentos pelos alunos é diferente. Muitos alunos trazem alimentos de casa ou compram de uma vendedora ambulante que fica próxima à escola. A vendedora oferece produtos como salgados, refrigerantes, hot dogs e doces, que são preferidos pelos alunos por razões de gosto e status social (Figura 7).

2475

**Figura 7.** A vendedora ambulante em frente à escola.



**Fonte:** Silva IGB (2023)

Os alunos que têm dinheiro para comprar esses alimentos são vistos como de maior status social, criando uma dinâmica onde o ato de comprar e consumir certos tipos de alimentos se torna uma forma de exibir poder econômico. A diretora da escola mencionou que tentaram implementar uma cantina paralela para vender alimentos dentro da escola, mas a iniciativa não durou, pois gerava sentimentos de exclusão entre os alunos que não podiam comprar.

Ambas as escolas estão localizadas em áreas sem muitos estabelecimentos alimentícios ao redor, o que significa que os alunos dependem principalmente das opções disponíveis na escola ou trazidas de casa. O ambiente interno das escolas, portanto, desempenha um papel significativo nas escolhas alimentares dos alunos, com o comércio de alimentos dentro das escolas sendo uma prática comum e muitas vezes incentivada pelos próprios colaboradores. Assim, a configuração espacial, tanto interna quanto externa, exerce uma influência importante sobre os hábitos alimentares dos alunos, moldando suas preferências e acessos.

### **A Cultura como Determinante Alimentar**

As práticas alimentares de uma população não apenas refletem as formas de vida, mas também a estrutura da sociedade e as regras que permitem sua continuidade e adaptação ao longo do tempo (Rossi, 2014, p. 32). A cultura alimentar é um dos fatores mais importantes na formação dos hábitos alimentares, influenciando o modo como as pessoas se alimentam com base em fatores históricos e regionais. Esta cultura abrange uma vasta gama de aspectos, incluindo tradições culinárias, preferências de sabor, valores culturais, práticas religiosas e acesso a alimentos específicos.

O ato de comer vai além de uma necessidade biológica, sendo uma expressão significativa da ancestralidade e identidade cultural de uma população. Fatores como a localização geográfica e as tradições familiares moldam profundamente os hábitos alimentares, pois, como observado por Silva e Garavello (2012), o simples ato de comer é algo que nos define e faz a natureza virar cultura.

Eles dizem também que a globalização e a industrialização da alimentação estão modificando e padronizando gradualmente as dietas ao redor do mundo, e isso também ocorre na Amazônia. Referem-se a esse fenômeno como "transição nutricional", um processo pelo qual populações tradicionais passam a consumir mais alimentos processados, resultando em subnutrição e aumento do risco de doenças cardiovasculares.

Apesar dessas mudanças, o simbolismo dos alimentos e os métodos tradicionais de preparo desempenham um papel crucial na resistência a essas transformações. "O que se come e como se come são elementos fortemente incorporados na construção da identidade cultural, constituindo uma das mais fortes barreiras de resistência às mudanças" (Schor, 2008). Essas "barreiras" culturais são fundamentais para a manutenção das tradições alimentares e para a continuidade dos hábitos alimentares historicamente estabelecidos. Assim, o estudo das práticas alimentares revela não apenas preferências individuais, mas também as complexas dinâmicas sociais e culturais envolvidas na alimentação.

Conforme Schor, Pinto e Avelino (2015), "as diferentes 'comidas' e seus ingredientes regionalizam os países e as regiões, trazendo consigo elementos dos ecossistemas incorporados na cultura local. A perda de ecossistemas e dos ingredientes essenciais para a comida regional é um forte indicador de como a modernização, impulsionada pelo capital, influencia a cultura, padronizando hábitos, gostos e o acesso aos alimentos.

No contexto de Óbidos, as preferências alimentares são fortemente influenciadas pela cultura local. A pesquisa, conduzida através de observações diretas e entrevistas abertas com estudantes, revelou uma preferência marcante por alimentos típicos locais em detrimento de produtos industrializados ou congelados.

Os alunos demonstraram uma inclinação significativa por alimentos locais, como açaí, tacacá, farinha de mandioca, peixe, maniçoba e diversas frutas regionais, incluindo cupuaçu, tucumã e banana pacovã. Esta preferência pelos sabores locais e pela culinária regional é evidente nas interações cotidianas dentro da escola, destacando a tensão entre a globalização e a preservação das identidades locais.

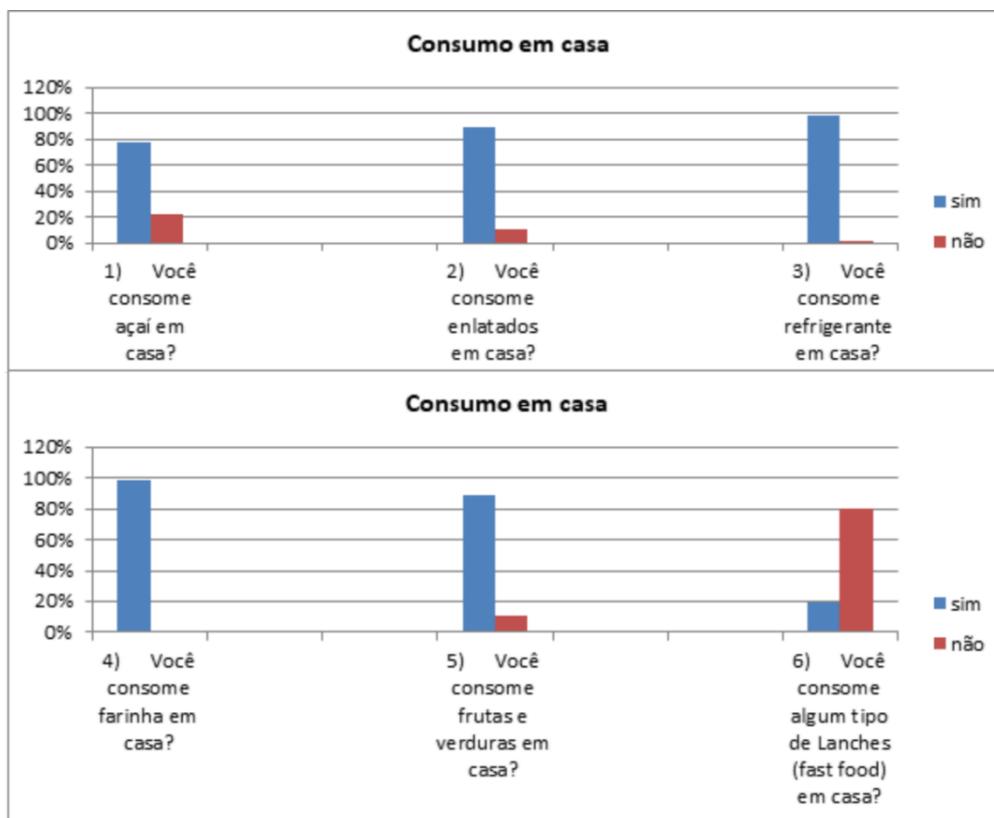
Este cenário em Óbidos não só reflete a influência da globalização na homogeneização dos hábitos alimentares, mas também a resistência das tradições locais a essas tendências globais, contribuindo para a manutenção da diversidade cultural e gastronômica da região. A persistência dessas práticas alimentares tradicionais demonstra a resiliência cultural e a importância de preservar a herança culinária em face das mudanças globais.

Os dados apresentados a seguir refletem resultados quantitativos de perguntas fechadas realizadas com os alunos de duas escolas. Foi selecionada uma amostra de cem alunos de cada instituição para responder aos questionários. O questionário foi dividido em duas partes: uma focada no consumo de certos alimentos em casa e outra no consumo desses mesmos alimentos

na escola. O objetivo foi investigar se o ambiente escolar influencia o consumo de determinados alimentos em comparação ao ambiente doméstico do aluno.

Destacamos que o questionário contém mais perguntas sobre o consumo de alimentos em casa. Isso se deve à limitação de não poder acompanhar os alunos em suas residências, o que ressaltou a necessidade de compreender quanto os hábitos alimentares formados em casa impactam as escolhas alimentares dos alunos no ambiente escolar (conforme ilustrado nos Gráficos 1 e 2).

**Gráfico 1.** Consumo de alimentos em casa



Organização: Autor (2023).

Os dados revelam alguns padrões nas escolhas alimentares dos alunos. Em primeiro lugar, o consumo de alimentos "tradicionais", como frutas, farinha e açaí, é maior no ambiente domiciliar do que o consumo de fast food, com 80% dos alunos afirmando que não consomem esse tipo de alimento em casa. No entanto, a quantidade de alunos que relataram consumir refrigerantes e alimentos enlatados em casa também é elevada, indicando um alto consumo desses dois tipos de alimentos processados e industrializados.

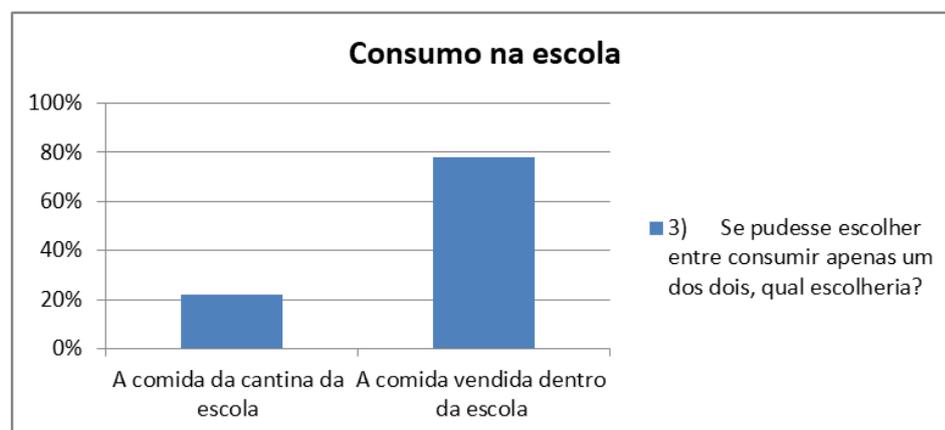
**Gráfico 2.** Consumo de alimentos na escola



Organização: Autor (2023).

Ao analisarmos os dados sobre o consumo de alimentos dentro da escola, observamos que 98% dos alunos consomem a comida oferecida pela cantina da escola, uma porcentagem superior à dos alunos que compram alimentos vendidos em cantinas alternativas ou por comerciantes dentro das próprias escolas, que corresponde a 35%. No entanto, a preferência pela comida da cantina escolar é frequentemente motivada por questões econômicas. Em conversas informais nos corredores das escolas, muitos alunos relataram que, se tivessem condições financeiras, prefeririam comprar alimentos dos comerciantes, como salgados e refrigerantes. Isso é corroborado pela terceira pergunta do questionário sobre consumo de alimentos na escola (conforme mostrado no Gráfico 3).

**Gráfico 3.** Consumo de alimentos na escola



Organização: Autor (2023).

De acordo com os dados apresentados pelo gráfico, 78% dos alunos indicaram que, se tivessem a opção, prefeririam consumir alimentos vendidos dentro da escola em vez de utilizar a cantina. Como já mencionado, o "status" social que a capacidade de compra confere ao aluno é crucial na hora da escolha, assim como a preferência pelo sabor dos alimentos, incluindo salgados e refrigerantes, em detrimento das opções mais saudáveis.

Os dados obtidos permitem uma análise detalhada dos comportamentos alimentares dos alunos em casa e na escola, destacando a dicotomia persistente entre o consumo de alimentos regionais e industrializados. No entanto, apesar dessa dualidade, observa-se uma clara discrepância nos comportamentos alimentares dos alunos no ambiente escolar em comparação ao domiciliar. Há uma notável preferência por alimentos processados, como salgados e biscoitos, que são amplamente disponíveis nas escolas, e um aumento no seu consumo nesse ambiente.

Esse fenômeno pode ser atribuído a alguns fatores principais: a maior disponibilidade e facilidade de acesso a esses alimentos nas escolas, a preferência dos alunos por alimentos industrializados no contexto escolar em comparação ao ambiente doméstico, e a escolha por alimentos que consideram mais saborosos. Muitos alunos descrevem a comida das cantinas escolares como pouco atraente, optando por alternativas que consideram mais "gostasas".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos espaços obesogênicos revela como o ambiente, tanto físico quanto social, desempenha um papel determinante na formação dos hábitos alimentares das populações. A obra de Josué de Castro, *Geografia da Fome* (1984), destacou a fome como um problema político e econômico profundamente enraizado nas desigualdades estruturais do Brasil, contrastando com as visões predominantes da época que viam a questão como meramente biológica. Essa abordagem inovadora abriu caminho para uma compreensão mais ampla e complexa dos determinantes alimentares, influenciando tanto o campo acadêmico quanto as políticas públicas.

Os determinantes alimentares são multifacetados, abrangendo desde fatores físicos e culturais até questões socioeconômicas e globais. A pesquisa realizada em Óbidos demonstra que, apesar das influências da globalização e da industrialização alimentar, há uma forte resistência cultural que preserva os hábitos alimentares tradicionais. Isso é evidenciado pela

preferência dos alunos por alimentos locais e tradicionais, que se mantém mesmo diante da crescente disponibilidade de produtos processados e industrializados. Essa resistência cultural é essencial para a manutenção da identidade e diversidade gastronômica, representando uma forma de resiliência frente às pressões da homogeneização alimentar.

Portanto, a compreensão dos espaços obesogênicos e dos determinantes alimentares exige uma abordagem integrada que considere as influências ambientais, culturais, econômicas e políticas. A partir dessa perspectiva, é possível desenvolver políticas públicas e intervenções educacionais mais eficazes, que não apenas promovam a alimentação saudável, mas também respeitem e valorizem as tradições alimentares locais. A preservação da diversidade cultural e alimentar, aliada a esforços para melhorar o acesso a alimentos saudáveis, pode contribuir significativamente para a promoção de hábitos alimentares mais sustentáveis e para a redução das disparidades de saúde.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, E. A escola como promotora da alimentação saudável. **Ciência em Tela**, v. 2, n. 2, p. 1-9, 2009. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0209accioly.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

AMON, D. **Psicologia Social da Comida**. São Paulo: Vozes, 2014; 232 p.

CASTRO, J. **Geografia da Fome**. Rio de Janeiro: Antares, 1984; 348 p.

DANTAS, RR; SILVA, GAP da. O papel do ambiente obesogênico e dos estilos de vida parentais no comportamento alimentar infantil. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 363-371, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462/2019;37;3;00005>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ESTIMA, CCP.; PHILIPPI, ST.; ALVARENGA, MS. Fatores determinantes de consumo alimentar: porque os indivíduos comem o que comem. **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, v. 24, n. 4, p. 263-268, out.-dez. 2009.

GÓES, JÂW. **Fast Food**: um estudo sobre globalização alimentar. Salvador: EDUFBA, 2010. 215 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Bases Cartográficas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/basescartograficas/#/home>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OLIVEIRA, J. A. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 3, p. 27-29, julho-setembro, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n3/a13v58n3.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024

ROSSI, Paolo. Comer: necessidade, desejo, obsessão. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora da UNESP, 2014 [2011], 192 p.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia uma Geografia Crítica. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2004. 289 p.

SCHOR, T; COSTA, DP.; OLIVEIRA, JA. Cidades, rede urbana e desenvolvimento na Amazônia dos Grandes Rios. In: TRINDADE Jr., Saint-Clair Cordeiro; CARVALHO, Guilherme; MOURA, Aldebaran; GOMES NETO, João. (Org.). **Pequenas e médias cidades na Amazônia**. 1. ed. Manaus: FASE/UFPA, 2009. p. 35-58.

SCHOR, T; TAVARES-PINTO, MA.; AVELINO, FCC.; Ribeiro, MN. Do peixe com farinha à macarronada com frango: uma análise das transformações na rede urbana no Alto Solimões pela perspectiva dos padrões alimentares. **Confins (Paris)**, v. 24, p. 10254, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10254>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SILVA, RJ; GARAVELLO, MEPE. Ensaio sobre transição alimentar e desenvolvimento em populações caboclas da Amazônia. **Revista Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 1-7, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634664/2583>. Acesso em: 24 jun. 2024.

WANDERLEY, EN; FERREIRA, VA. Obesidade: uma perspectiva plural. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 185-194, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/cxTRrw3b5DJcFTcbp6YhCry/?>. Acesso em: 24 jun. 2024.